
A representação da Aids na ficção seriada: características culturais e epidemia midiática na minissérie *It's a Sin* (2021)¹

Raphael Castilho Bueno SILVA²

Vinícius Borges GOMES³

Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG

Resumo

Considerando a Aids como a primeira epidemia midiática desde o seu surgimento (Bessa, 1997), a ficção audiovisual como um espaço onde a doença tem sido abordada há quase quatro décadas e as séries de TV como um fenômeno que tem se intensificado com a chamada *Network Era* (Meimaridis, 2017), este artigo procura investigar, por meio de uma perspectiva crítica e analítica sobre a mídia (Morin, 2011; Kellner, 2001), a minissérie britânica *It's a Sin* (2021) – distribuída pela *HBO Max* no Brasil. Além de identificar as características da cultura de massa e as questões identitárias presentes na produção, procura-se fazer apontamentos a respeito da representação do HIV e de seus contextos ao longo de toda a narrativa, que abarca o início da epidemia da Aids na Inglaterra durante toda a década de 1980.

Palavras-chave

Ficção seriada; Aids; Epidemia midiática; Cultura de massa; *It's a Sin*.

Introdução

O HIV é o vírus que ataca células do sistema imunológico responsáveis por defender o organismo contra diversos tipos de doenças. A Aids, por sua vez, é o estágio mais avançado da infecção por este vírus, quando o HIV se replica de tal forma pelo corpo, que o torna incapaz de lutar contra doenças e infecções. Existe, desde a segunda metade da década de 90, tratamentos que evitam a progressão do HIV no corpo humano.

Bessa (1997) afirma que a Aids é considerada a primeira epidemia midiática do mundo desde o seu surgimento. O autor aponta que é impossível analisar a doença fora do contexto das mídias. Nessa linha de pensamento, Sousa (2016) acredita que os meios de comunicação não apenas descreveram os fatos que envolveram a Aids, mas também moldaram toda a sua existência discursiva.

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação do 7º semestre do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), e-mail: raphaelcastbueno@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Doutor em Comunicação e Política pela Universidade Paulista (UNIP), mestre em Comunicação e Poder pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e professor substituto da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), e-mail: viniborges@ufsj.edu.br.

Enquanto o jornalismo optou por seguir discursos sensacionalistas sobre a Aids, a ficção audiovisual surgiu como um espaço livre para os chamados contradiscursos. Sousa (2016) aponta que os produtos culturais retrataram, muitas vezes, a doença longe dos estigmas que invadiram os demais campos do conhecimento.

Considerando as narrativas audiovisuais como um espaço onde a Aids tem sido abordada há quase 4 décadas e as séries de TV um fenômeno que tem se intensificado com a chamada *Network Era* (Meimaridis, 2017), este artigo procura analisar, por meio de uma perspectiva crítica e analítica sobre a mídia, a minissérie britânica *It's a Sin* (2021). A produção abarca o início da epidemia da Aids na Inglaterra durante toda a década de 1980. Lançada em 2021 pela emissora *Channel 4* do Reino Unido, a minissérie de cinco capítulos foi distribuída pela *HBO Max* no Brasil.

O artigo traz uma análise de conteúdo (Bardin, 2011) do seriado, a partir das seguintes categorias: (1) os elementos da narrativa que dialogam com os conceitos de epidemia midiática, com base nos relatos de Bessa (1997), Sontag [1989]/(1998) e Sousa (2016); (2) os elementos da narrativa que dialogam com os conceitos de cultura das mídias e a presença das questões identitárias nos produtos culturais, a partir das definições de Kellner [1995]/(2001) e (3) os elementos da narrativa que dialogam com os conceitos de cultura de massa, com base nos preceitos de Morin [1962]/(2011).

Uma perspectiva crítica e analítica sobre a mídia

Para Machado (2000), as dinâmicas de veiculação de conteúdo fizeram com que a televisão adotasse as mesmas estratégias de produção vistas em outras esferas do capitalismo. É, na prática, o que Adorno e Horkheimer [1944]/(2006) definiram como indústria cultural, que traz como consequência uma padronização de modelos e de consumo. Os autores apontam que a produção acelerada e sistematizada de produtos culturais são formas de gerar lucros para os conglomerados produtores e para movimentar as dinâmicas da economia capitalista.

Podemos dizer que esse processo se intensificou no que Meimaridis (2017) chama de *Network Era*, com a consolidação da internet e o surgimento dos serviços de *streaming*. Com dinâmicas de consumo mais rápidas, onde a prática do binge-watching⁴ é cada vez mais comum entre os espectadores, mais séries são gravadas e as fórmulas de

⁴ Termo em inglês usado para referenciar o ato de assistir todos os episódios de uma série de uma vez só.

produção são exaustivamente repetidas.

Considerando a existência dessas padronizações, Morin (2011) afirma que os produtos da cultura de massa sempre procuram satisfazer os ideais do homem médio. Para atingir esse objetivo, o autor identifica nos produtos culturais fórmulas que abrangem abordagens específicas a respeito de temas como o amor, a sexualidade, a juventude, a felicidade e os valores femininos.

Morin (2011) ressalta, entretanto, que os produtos culturais ainda carregam resquícios do fazer artístico, da inovação e da perspectiva crítica e criativa de produção. Para o autor, um produto cultural geralmente é concebido em função de receitas-padrão, mas – na contramão dessa estrutura – também se revestem de recursos que lhe dão personalidade própria para serem bem recebidos pela população consumidora, que é formada por pessoas que exigem produtos individualizados.

Tais produtos modelam, segundo Kellner (2001), o pertencimento de mundo dos espectadores e afetam as suas noções sobre classe, etnia, raça e sexualidade. Uma série televisiva, por exemplo, oferece uma gama de repertórios discursivos que influenciam as vivências e as perspectivas do seu público-alvo. Nesse sentido, o autor afirma que, ao analisar produções de massa, é possível encontrar a reprodução de lutas e de discursos que estão presentes de forma politizada em vários países do planeta. Para o autor:

[...] a cultura de mídia é a cultura dominante nos dias de hoje, pois substitui formas de cultura elevada como foco de atenção e de impacto para grande número de pessoas. [...]. Ademais, a cultura veiculada pela mídia transformou-se numa força dominante de socialização: suas imagens e celebridades substituem a família, a escola e a Igreja como árbitros de gosto, valor e pensamento, produzindo novos modelos de identificação e imagens vibrantes de estilo, moda e comportamento.” (KELLNER, 2001, pag. 27).

A partir das ideias de Kellner (2001), as angústias vividas por um povo em um determinado contexto podem ser captadas pela indústria cultural para servir como uma espécie de compensação em nível simbólico. Entretanto, como é típico na indústria cultural, o discurso político por vezes é esvaziado por situações que não são próprias da realidade.

A Aids na grande mídia

Para Bessa (1997), a Aids é considerada a primeira epidemia midiática do mundo desde o seu surgimento e, por isso, é impossível analisar a doença fora do contexto das

mídias. Nos primeiros anos da epidemia, os jornais, as revistas e a televisão não apenas relatavam a Aids como um fato, mas também se responsabilizavam por moldar as formas como as pessoas viam, percebiam e vivenciavam a doença (SOUSA, 2016). Bastos (2006) afirma que:

[...] a história da Aids compreende, infelizmente, relatos degradantes de estigmatização e marginalização de pessoas percebidas (o mais das vezes, de forma completamente equivocada e preconceituosa) como sob risco de contrair e/ou transmitir a infecção, e, especialmente, de pessoas vivendo com a infecção (pelo HIV) e/ou com a síndrome clínica (Aids). [...] compreende também histórias de solidariedade e altruísmo, mobilização social e os avanços de uma ciência praticada com ética e qualidade. (p. 17).

Segundo a Fundação Oswaldo Cruz⁵, em 1982, ocorreu a adoção temporária do termo Doença dos 5H (homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroinômanos⁶ e hookers⁷), se referindo ao que era considerado como os grupos vulneráveis ao vírus, que ainda não era completamente conhecido. Nessa época, a imprensa produziu e reproduziu discursos que associavam a Aids à existência dos homossexuais, o que legitimava a difusão de preconceitos.

Sontag [1989]/(1998) ressalta a ideia punitivista que se criou ao redor da Aids, no qual o paciente se torna um ser culpável no imaginário coletivo. A autora afirma que a sociedade relaciona doenças sexualmente transmissíveis com castigos impostos para grupos específicos. Nesse contexto, a doença começa a ser utilizada como um alerta para práticas reprováveis da coletividade. Para Sontag (1998), esse é o principal motivo da metaforização da epidemia Aids como peste:

O aparecimento de uma nova epidemia com caráter de catástrofe, quando durante várias décadas se afirmava confiadamente que tais calamidades pertenciam ao passado, não seria o bastante para fazer ressurgir a tendência moralista de promover ao estatuto de “peste” qualquer outra epidemia. Era necessário que a epidemia fosse daquelas cujo modo de transmissão mais comum fosse o sexual. (Sontag, 1998, p. 154)

Exemplos deste comportamento discursivo da mídia foram vistos vários países do ocidente, inclusive no Brasil, como demonstra Fausto Neto (1989) em sua análise sobre a cobertura da comunicação de massa nos casos de Lauro Corona⁸ e de Cazuza. Um dos

⁵ Informações retiradas da reportagem “A epidemia da Aids através do tempo”. Disponível em: <<https://www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html>>. Acesso em 23 jun. 2022.

⁶ Termo utilizado para nomear os usuários de heroína injetável.

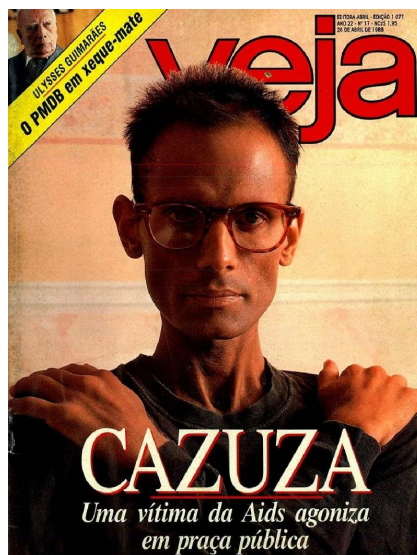
⁷ Termo em inglês utilizado para referenciar os profissionais do sexo.

⁸ Ator de telenovelas da Rede Globo, morto em 1989, em decorrência da Aids.

exemplos mais conhecidos no país é o da revista *Veja*, que em 6 de abril de 1989, estampa em sua capa a imagem do cantor, debilitado pela doença, acompanhado da frase “uma vítima de Aids agoniza em praça pública”.

Figura 1

Capa da edição 1077 da revista *Veja*, do dia 26 de abril de 1989.



Fonte: Editora Abril / Reprodução.

A ficção como espaço para contradiscursos

Diante da omissão das autoridades e do sensacionalismo da imprensa, Sousa (2016) aponta que a ficção audiovisual surgiu como um espaço para os chamados contradiscursos, livre dos estigmas que invadiram os demais campos do conhecimento. Ao se dirigir às produções deste período, o autor cita que, assim como a tuberculose tomou conta de parte significativa das artes no final do século XIX e no início do século XX, a Aids passou a ser um tema fundamental na produção de autores e de diretores a partir da década de 1980 e revolucionada a partir da segunda metade da década de 1990.

[...] as recentes construções narrativas cinematográficas e literárias da Aids vivenciaram uma espécie de ponto de mutação. A descoberta dos potentes antirretrovirais, o chamado coquetel, exatamente no ano de 1996, vai dar uma nova configuração à epidemia e sua discursividade. Quando nos voltamos para o cinema mainstream e literatura vemos uma espécie de “cronificação” da doença e “cronificação” das narrativas. (SOUSA, 2016, p. 4).

Nesse aspecto, a mudança provocada pelos fármacos, segundo Sousa (2016), provocou uma nova dizibilidade, chamadas narrativas pós-coquetel, que caminharam

em três sentidos distintos de produção artística, e sobretudo audiovisual, conforme demonstra o Quadro 1.

Quadro 1:
Os tipos de “narrativas pós-coquetel”

Descentralização da epidemia	É o desaparecimento da epidemia nos processos de adaptação das narrativas sobre a Aids para o audiovisual.
Narrativa de memória	Se passa por reportações às vivências e acontecimentos na origem da epidemia, antes da criação dos coquetéis.
Cronificação da síndrome	Narrativas contemporâneas de personagens que possuem acesso aos antirretrovirais, encarando o vírus como uma das tantas características da vida.

Fonte: Sousa (2016).

No caso das ficções seriadas para televisão feitas antes das descobertas dos coquetéis, podemos destacar o seriado *Thirtysomething* (1987-1991) – da ABC – e a minissérie *O Portador* (1991), da TV Globo. No caso das narrativas pós-coquetel, podemos citar a minissérie britânica *Queer as Folk* (1999-2000) como um caso de cronificação da síndrome e *It's a Sin* (2021) – objeto de análise deste artigo – como uma das chamadas narrativas de memória.

Sousa (2016) ainda aponta, como um fato relevante, que em todos os tipos de narrativa sobre a Aids, a maioria dos personagens infectados são representados como homens cisgêneros, gays e brancos. Isso demonstra uma invisibilidade de personagens transexuais, negros e mulheres, que difere da própria realidade sobre a epidemia.

Segundo dados de 2020 da Unaid (Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids), 53% das pessoas que vivem com HIV são mulheres e meninas. Além disso, outro estudo (Stutterheim S. E.; van Dijk M; Wang H., Jonas K. J., 2021)⁹aponta que a média mundial de infectados por HIV em mulheres trans foi de 19,9% – o que supera os números de qualquer outro grupo analisado.

Estudo de caso: *It's a Sin* (2021), contextualização e metodologias

⁹ Estudo disponível em: <<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0260063>>. Acesso em 24 jun. 2022.

It's a Sin (2021), minissérie britânica de cinco capítulos, lançada pela *Channel 4* no Reino Unido e distribuída pela *HBO Max* no Brasil, abarca o início da epidemia da Aids na Inglaterra durante toda a década de 1980. Criada e escrita por Russell T. Davies, responsável por produções como *Queer as Folk* (1999-2000) e *Years and Years* (2019), a narrativa acompanha protagonistas que têm seus corpos infectados pelo vírus do HIV e desenvolvem Aids em uma época em que ainda não existiam tratamentos e informações concretas a respeito da doença.

A minissérie foi analisada por meio de perspectivas críticas e analíticas sobre a mídia. Utilizando os apontamentos de Gil (2008) de que a pesquisa bibliográfica permite ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que ele poderia pesquisar por conta própria, foram feitos levantamentos a respeito da cultura de massa, da cultura das mídias e do fenômeno da epidemia midiática. Então, recorreu-se à Bardin (2011) e as três fases que a autora descreve no processo da análise de um conteúdo: (a) pré-análise, (b) fase de categorização; (c) fase de inferências.

Dessa forma, assistiu-se aos cinco capítulos da produção – disponíveis na HBO Max – onde se reportou quais das características do seriado são condizentes às teorias dos eixos temáticos levantados, levando em conta a seguinte categorização:

1 - Os elementos do enredo, da ambientação e da temporalidade da narrativa que contribuem na compreensão do fenômeno da epidemia midiática, dos autores Bessa (1997), Sontag (1998) e Sousa (2016)

2 - Os elementos da narrativa que dialogam com os conceitos de cultura das mídias e a presença das questões identitárias nos produtos culturais, a partir das definições de Kellner (2001);

3 - Os elementos da minissérie que dialogam com os conceitos de cultura de massa, da integração cultural às características da mitologia moderna, com base nos preceitos de Morin (2011).

***It's a Sin* (2021) e as representações da epidemia midiática**

Traçando um panorama geral sobre *It's a Sin* (2021), a minissérie acompanha um quinteto de jovens britânicos que estão em Londres em busca dos seus sonhos. O principal deles é Ritchie Tozer, interpretado pelo cantor Olly Alexander – da banda

Years & Years, que deixa a pequena ilha onde mora com a família conservadora para estudar direito na capital, mas logo abandona a carreira jurídica para se dedicar às artes cênicas. Aproveitando de uma vida mais permissiva e progressista do que a que sempre viveu, Ritchie conhece outros jovens que, assim como ele, estão desfrutando da liberdade pela primeira vez. Ritchie decide morar com Roscoe Babatunde (Omari Douglas), Colin Morris-Jones (Callum Scott Howells), Jill Baxter (Lydia West) e Ash Mukherjee (Nathaniel Curtis) e, juntos, começam a enfrentar um contexto epidêmico que é marcado por perdas e hostilidades.

It's a Sin (2021) retrata o drama dos protagonistas em um período de pouco mais de 10 anos, entre setembro de 1981 e novembro de 1991. A retratação de um período do passado, que antecede a descoberta dos antirretrovirais e remete ao pior período da epidemia, faz com que o seriado esteja – levando em consideração a classificação de Sousa (2016) a respeito das dizibilidades narrativas sobre a Aids – no grupo das narrativas de memória. Para o autor, este é o caminho que ainda rende dividendos para a indústria e que, não por acaso, é a tendência com um maior número de produções contemporâneas.

Quadro 2

A data dos acontecimentos presentes na minissérie *It's a Sin* (2021).

Capítulo	Data dos acontecimentos
1	Setembro de 1981
2	Dezembro de 1983
3	Março de 1986
4	Março de 1988
5	Novembro de 1991

Fonte: Do autor, 2022.

As questões vivenciadas nessa época, marcadas pela epidemia discursiva (Bessa, 1997; Sousa, 2016), são retratadas em toda a narrativa. A minissérie revisita a opressão vivida pelos homossexuais durante o thatcherismo¹⁰ e as políticas higienistas da "dama de ferro", como a Lei de Saúde Pública de 1984¹¹. Tal característica leva às telas as

¹⁰ Conjunto de ideologias conservadoras de Margaret Thatcher que estiveram em voga na Inglaterra durante o seu mandato como primeira-ministra entre 1979 e 1990.

¹¹ Lei britânica que permitia que indivíduos com certos tipos de doença, como a Aids, fossem isolados da sociedade.

teorias de Bessa (1997) de que as forças neoconservadoras da década de 80 se aproveitaram do surgimento da doença para a execução de manobras ideológicas. No terceiro capítulo de *It's a Sin* (2021), o personagem Colin Morris-Jones – interpretado por Callum Scott Howells – é isolado de seus familiares, amigos e do restante da sociedade em um hospital-prisão após ser diagnosticado com a doença.

Também é possível acompanhar toda a cobertura da mídia sobre a epidemia, que se amparava nas poucas informações a respeito da doença para traçar editoriais que associavam a Aids a grupos de risco minoritários e a chamada metáfora da peste. O sentimento de culpa imposto pelo imaginário coletivo, apontado por Sontag (1998), pode ser vista de forma clara em uma fala da personagem Jill Baxter – interpretada por Lydia West – no último capítulo da minissérie.

Isso é o que a vergonha faz. Isso o faz pensar que ele merece. As enfermarias estão cheias de homens que pensam que merecem. Eles estão morrendo, e alguns pensam: “Sim, isso é correto. Eu mesmo causei isso. É minha culpa, porque o sexo que eu amo está me matando.” Quero dizer, é surpreendente! O vírus perfeito apareceu para provar que você estava certa. Então foi isso que aconteceu na sua casa. Ele morreu por sua causa. Todos eles morrem por sua causa. (Jill Baxter, capítulo 5).

Outro ponto a se destacar em *It's a Sin* (2021) é a retratação da morte como o destino mais provável para os soropositivos antes da descoberta de tratamentos eficazes contra o vírus. Os antirretrovirais, que são capazes de tornar a carga do HIV indetectável no corpo humano, surgiram apenas em 1996. Sem acesso a este tratamento ou a qualquer outro que evitasse o desenvolvimento da Aids no corpo humano, os dois dos cinco protagonistas diagnosticados com HIV positivo na minissérie, morrem no final da narrativa.

***It's a Sin* (2021), a cultura das mídias e as questões identitárias**

Quanto a parte da análise que se procura olhar a minissérie através de uma perspectiva crítica sobre a mídia, é preciso apontar que Kellner (2001) afirma que produções culturais, como as séries de TV, abarcam discussões e ideologias que influenciam a vida da humanidade, uma vez que modelam opiniões políticas e comportamentais com as quais as pessoas forjam as suas identidades.

Ao traçar discursos sobre o HIV e a Aids, a minissérie traz consigo exposições sobre a resistência física e social de personagens infectados pelo vírus, em uma época

em que ainda não existiam possibilidades de uma vida funcional combinada à doença. Ao abordar as angústias vividas pelos protagonistas como uma réplica da realidade vivida em diversos países durante o começo da epidemia, a minissérie traz o que Kellner (2001) chama de compensamento em nível simbólico e abre espaços para possíveis discussões importantes da atualidade, como:

1 - Os impactos do HIV no corpo humano quando não existe a utilização de antirretrovirais. Apenas com esse fármacos é que a carga viral do HIV é reduzida a ponto de não ser mais detectada pelos exames comuns. Segundo a Unaid, em 2020, apenas 73% das pessoas que vivem com HIV estavam tendo acesso a este tratamento.

2 - A negligência governamental quanto às políticas públicas contra a Aids, que é simbolizada na minissérie através das menções à ideologia thatcherista. O quarto capítulo da trama expõe essa situação, em uma cena em que os personagens se manifestam contra o aumento taxativo dos preços dos remédios para a doença pela indústria dos fármacos e são repreendidos pelas forças de segurança pública. Mesmo 40 anos depois dos acontecimentos da narrativa, a indiferença de governos perante o HIV ainda é uma realidade. No Brasil, por exemplo, em maio de 2019, o presidente Jair Bolsonaro extinguiu o Departamento de IST, AIDS e Hepatites Virais do Ministério da Saúde.¹²

Figura 2

Frames da cena da manifestação *Aids need aid!*, contra o aumento do preço dos fármacos, em *It's a Sin* (2021).



Fonte: HBO MAX / Reprodução.

3 - A importância da proteção contra as doenças sexualmente transmissíveis. O programa foi creditado por aumentar a realização de testes de HIV em toda a

¹² Informações retiradas da Rede Brasil Atual. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/05/bolsonaro-departamento-aids-revolta-organizacoes/>> Acesso em 17 jun. 2022.

Inglaterra.¹³

Além disso tudo, a presença preponderante de personagens homossexuais na série é outra vertente discursiva que abre para os espectadores um leque de identificações possíveis relacionadas às vivências e aos dilemas que são enfrentados diariamente pelos membros dessa comunidade, como a homofobia e a descoberta da sexualidade.

Entretanto, como é típico na indústria cultural, o discurso político por vezes é esvaziado por clichês exacerbados e por situações que não são próprias da realidade. Um exemplo é que, diferente da minissérie, na vida real, jovens de classe média-baixa dificilmente conseguiriam alugar um apartamento no centro da cidade de Londres. Essas e outras conveniências narrativas possibilitam o desenrolar da história e dificilmente aconteceriam com a mesma naturalidade e rapidez fora dos domínios da ficção.

***It's a Sin* (2021) e as características da cultura de massa**

Morin (2011) aponta que o novo curso da cultura de massa, marcada pela criação de uma mitologia moderna, acentuou a vedetização de fatos variados. Isso quer dizer que a realidade e a ficção se relacionam, criando uma tendência de romantizar os espaços informativos e de inserir doses de realidade nas peças ficcionais. Na esteira deste processo, é cada vez mais comum a produção de filmes, livros e séries de TV que são baseadas em eventos totais ou parcialmente reais. No caso de *It's a Sin* (2021), personalidades e eventos da realidade são replicados, assim como as inúmeras ações culturais, antropológicas, sociais e científicas que foram ocasionadas em decorrência do vírus do HIV.

Como já exposto, Morin (2011) também afirma que o objetivo dos produtos da indústria cultural tem como principal objetivo a satisfação dos ideais do homem médio. Esse arquétipo, do homem comum a todos os homens, se apoia na universalidade que é criada a partir de elementos culturais particulares à civilização moderna. Para o autor, a linguagem adaptada a esse homem universal é a audiovisual e os temas que lhe são caros estão – na maioria das vezes – relacionados com o heroísmo, o amor, a sexualidade, a derrota do vilão, a juventude, a felicidade e aos valores femininos.

Como é próprio dos produtos de comunicação de massa, *It's a Sin* (2021) explora

¹³ Informação retirada da 4 News, sucursal de notícias da Channel 4: a emissora original do seriado. Disponível em: <<https://www.channel4.com/news/hiv-testing-rises-as-its-a-sin-become-c4s-most-watched-drama>>. Acesso em 03 abr. 2022.

alguns desses valores. Boa parte dos capítulos da minissérie, por exemplo, utilizam o que Morin (2011) chama de estética da sedução. As cenas de sexo são frequentes e coloquiais ao decorrer de toda a narrativa. No Brasil, a classificação indicativa do seriado é para maiores de 16 anos. Para a revista britânica *Gay Times*¹⁴, o jornalista Sam Damshenas abordou o ineditismo das cenas de sexo gay da minissérie dentro do contexto televisivo da Inglaterra, afirmando que a produção da *Channel 4* construiu um método inovador de apresentar essas sequências.

Morin (2011) afirma que as imagens sensuais aguçam o chamado erotismo social e isso impulsiona o consumo e as engrenagens do sistema capitalista. Isso faz com que um dos artifícios da comunicação de massa seja a exploração da sexualidade como estratégia de atração e fidelização do público desejado. Ao "domesticar o Eros", as produções artísticas normatizam os comportamentos sexuais e prestam um serviço de validação para os desejos e os anseios voluptuosos da sociedade.

Além do erotismo, o amor é outro princípio ligado ao homem médio e, por isso, ele é idealizado pela indústria, que promove a existência do "amor perfeito", alimentando o imaginário dos espectadores. *It's a Sin* (2021) quebra as estruturas do amor tradicional e monogâmico e ressignifica essas necessidades a abordagens mais passageiras. Essa nova perspectiva é intrínseca ao erotismo já citado e se relaciona a uma outra característica presente na minissérie analisada: a do enaltecimento ao redor da juventude.

Morin (2011) afirma que as sociedades modernas sofrem de um processo processo de desvalorização universal da velhice. Nos produtos de comunicação de massa, existe um enaltecimento ao redor da figura do jovem, que se realiza através do amor, do bem-estar e da vida privada e, assim como na sociedade, se modifica com o passar do tempo. Os protagonistas de *It's a Sin* (2021) vivem, durante a série, entre os 20 e os 30 anos de idade. Nesta fase da vida, o indivíduo já não é mais preso pelas amarras da adolescência mas, tampouco, atingiu a velhice.

Os personagens mais velhos da minissérie são representados pelos pais e pelos demais membros da família dos protagonistas. A impressão estabelecida pelo roteiro é que essas pessoas não acompanharam a revolução comportamental que é vivenciada

¹⁴ O artigo se chama "Here's how the sex scenes in *It's A Sin* were a first for British television". Disponível em: <<https://www.gaytimes.co.uk/culture/heres-how-the-sex-scenes-in-its-a-sin-were-a-first-for-british-television/>>. Acesso em 24 jun. 2022.

diariamente pelos personagens principais. Em *It's a Sin* (2021), os jovens são progressistas e a velhice é conservadora. Este estereótipo não é exclusivo do seriado, mas, na verdade, quase um padrão dentro das histórias ficcionais que separam os núcleos narrativos entre juventude e senilidade.

Por fim, Morin (2011) ainda aponta a existência de uma cultura interplanetária, que unifica os temas culturais – formados majoritariamente nos Estados Unidos – em todos os países do globo. A globalização e os serviços de *streaming* permitem que os conteúdos audiovisuais sejam distribuídos em quase todos os países e as produtoras se responsabilizam em fazer com que os temas de suas narrativas sejam universais para serem consumidos pelos povos que, na verdade, já foram influenciados pelo poder da própria indústria.

Embora a minissérie analisada tenha sido produzida e ambientada na Inglaterra, a Aids foi vivenciada e encarada de forma semelhante em vários países da Europa e da América¹⁵. A *HBO Max*, distribuidora da série fora do Reino Unido, estava disponível em mais de 61 territórios, no início de 2022¹⁶. Isso quer dizer que *It's a Sin* (2021) atinge um grande número de espectadores e que as reportagens feitas na minissérie são factíveis com as realidades e as vivências de pessoas dos mais variados lugares do planeta.

Considerações finais

Em primeiro lugar, é preciso reafirmar a importância histórica das narrativas audiovisuais como um espaço aberto para representações sobre a Aids, de forma diferente das que eram veiculadas pelos demais campos da comunicação. A partir desse ponto, considerando a existência da indústria cultural e, mais especificamente, da indústria da televisão, também é importante reiterar a relevância das ficções seriadas para a cultura de massa nos dias atuais.

Considerando a importância e as características do formato, a análise da minissérie *It's a Sin* (2021) possibilitou enxergar, na prática, os enunciados de Morin (2011) e Kellner (2001) sobre indústria cultural e cultura de massa. Tão importante

¹⁵ Vale ressaltar que existem diferenças em como a epidemia da Aids foi – e ainda é – encarada em alguns países da América Latina, da Ásia e da África. Essas diferenças são complexas e, portanto, demandariam uma outra pesquisa focada exclusivamente neste tema.

¹⁶ Informação retirada do portal Tecmaster. Disponível em: <<https://tecmasters.com.br/hbo-max-15-paises-conteudo-original/>>. Acesso em 20 jun. 2022.

quanto isso, a análise também permitiu uma investigação de como a Aids e os discursos ao redor da doença foram retratados ao longo da narrativa.

Ambientada durante uma época em que existiam poucas informações científicas a respeito da doença, *It's a Sin* (2021) engloba discursos históricos e sociais ao descrever a realidade da Inglaterra epidêmica, marcada pela ausência de políticas públicas e pelas aspirações capitalistas da indústria farmacêutica. A minissérie retrata, portanto, toda a repercussão política, comportamental e cultural ocasionada pela Aids dentro deste universo.

Utilizando as perspectivas de Kellner (2001) de que se deve observar os produtos culturais com uma perspectiva que identifique os discursos políticos e sociais contidos em sua estrutura, foi possível encontrar recursos narrativos que apresentavam significações importantes para a sociedade atual, mesmo que essa intenção seja esvaziada por clichês exacerbados que separam a realidade da ficção e que são próprios da indústria cultural.

Por fim, com a enumeração de Morin (2011) das características da cultura de massa, foi possível encontrar vários elementos que dialogam com as características narrativas e comerciais do seriado analisado. A inserção da minissérie na indústria cultural, a busca pela audiência universal, a mistura entre o real e o ficcional e a abordagem do amor, do sexo e da juventude são elementos facilmente identificáveis em grande parte das produções televisivas do mundo contemporâneo e, portanto, também na minissérie criada por Russell T. Davies.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o esclarecimento como mitificação das massas. In: **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, p. 99-138, 2006.

BASTOS, Francisco Inácio. A primeira década: uma série de eventos infelizes. In: **Aids na terceira década**. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 27-44, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BESSA, Marcelo Secron. A epidemia discursiva. In: **Histórias positivas**: a literatura (des)construindo a Aids. Rio de Janeiro: Record, p. 19-32, 1997.

FAUSTO NETO, Antônio. “Ele é o nosso herói (...)”. In: **Mortes em derrapagem**: os casos Corona e Cazusa no discurso da comunicação de massa. Rio de Janeiro: Rio Fundo, p. 121-148,

1989.

FERNANDES, Carla Montuori; OLIVEIRA, Luiz Ademir de; SILVA, Raphael Castilho Bueno. It's a Sin, a representação do HIV e da juventude homossexual. São Paulo: **Anagrama** (v. 15, n. 2), p. 01-21, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

IT'S a Sin. Petter Hoar, Russell T. Davies e Nicola Shindler. Reino Unido: Channel 4, 2021.

KELLNER, Douglas. **A cultura das mídias**. São Carlos: Edusc, 2001.

MACHADO, Arlindo. A narrativa seriada. In: MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, p. 99-110, 2000.

MEIMARIDIS, Melina. Televisão: do invisível ao complexo. In: **Dissecando a estrutura narrativa dos seriados médicos norte americanos**. Dissertação de Mestrado em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Niterói: Universidade Federal Fluminense, p. 22-43, 2017.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: Neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SONTAG, Susan. A sida e as suas metáforas. In: **A doença como metáfora e a sida e as suas metáforas**. Lisboa: Quetzal Editores, p. 95-188, 1998.

SOUSA, Alexandre Nunes. Da epidemia discursiva à era pós-coquetel: notas sobre a memória da Aids no cinema e na literatura. **II Seminário da Memória Social**, Rio de Janeiro: Anais do II Seminário da Memória Social, p. 01-10, 2016